

cR | Centro
de Referência
Paulo Freire



Instituto Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo do
Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org

A crítica pela crítica comprova que a realidade educacional está errada, mas tal crítica se esgota aí mesmo. É imprescindível uma crítica que fuja ao radicalismo da classe média intelectualizada, e que repila o irracionalismo. É imprescindível uma crítica que exponha sinceramente *alternativas* aos problemas, de forma clara e simples, pondo uma luz na escuridão da Educação Brasileira, se não for possível iluminá-la por inteiro.

A prática educacional não pode viver de mitos, ou melhor, não pode "ser da legião dos grandes mitos, transformando a juventude num exército de aflitos", como diz a canção. A prática educacional, ao contrário, precisa repousar-se *na verdade dos atos concretos*. Qualquer que seja o nível intelectual dos alunos e dos professores, dos mais humildes aos mais sofisticados, somente o exemplo dos atos coerentes com as palavras ditas em classe figura como a autêntica prática do ensino crítico, essência da Educação Libertária.

Fora disto, o resto consiste em preciosismos das técnicas pedagógicas, valiosas mas não fundamentais. O sério momento de crise, por que passam o Estado e a Sociedade no Brasil, peculiar em nossa História, está a exigir cada vez mais rapidamente que o ensino crítico ponha na mesa de discussões um conjunto de legítimas alternativas e que este ensino inspire a coragem dos atos verdadeiros em Educação.

INSTITUTO PAULO FREIRE
Rua Cerro Corá, 550 2.º andar cj. 22
Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5589
05061-100 - São Paulo - SP - Brasil
E-mail: ipff@paulofreire.org

ANGICOS – RIO GRANDE DO NORTE – 1962/63

(A primeira experiência com o "Sistema Paulo Freire")

Heinz Peter Gerhardt
Natal – RN

APRESENTAÇÃO:

I. O meu interesse pela pedagogia de Paulo Freire desenvolveu-se no início dos anos 70. A geração estudantil de minha época via a possibilidade de contribuir através dela, também no "mundo desenvolvido", para uma "Educação com prática da liberdade".

A *Pedagogia do Oprimido* havia sido usada como instrumento através do qual os "dependentes e subjugados" (Dutschke) teriam podido desenvolver uma consciência crítica do seu mundo de maneira autônoma.

A prática de Paulo Freire nas campanhas de alfabetização do Nordeste brasileiro serviu como comprovação da capacidade dos "condenados desta terra" (Fanon) para chegar a uma compreensão de si próprios. Com a transferência da concepção educacional de Paulo Freire para o Primeiro Mundo prometia-se um desenvolvimento de consciência semelhante junto aos "oprimidos" das metrópoles.

As aplicações práticas do método lá realizadas em cursos de alfabetização para estrangeiros e no trabalho comunitário, por exemplo, mostraram, porém, os limites da autoconscientização.¹ Isto estimulou a multiplicação de experiências que, valendo-se de outros conceitos teóricos, refinaram as noções de Paulo Freire. E tal refinamento não encontrou maiores obstáculos já que o "sistema e o método de Paulo Freire" representam uma condensação e uma dinamização da tradição humanística européia.²

1. O equívoco na aceitação européia de Paulo Freire, indicada com este conceito, tem sua origem nas oscilações de Paulo Freire entre posições espontaneístas e vanguardistas no que se refere às suas manifestações escritas a partir de 1959. No seu trabalho prático Paulo Freire se declarou sempre educador popular.

2. Cf. Paiva, 1980.

No contexto do meu processo de qualificação universitária tive, finalmente, a oportunidade de investigar no Brasil a prática de alfabetização com o sistema e o método de Paulo Freire.³

Minha curiosidade me levou também à Guiné-Bissau, onde o “Instituto de Ação Cultural”, co-iniciado por Freire, desenvolvia uma atividade de aconselhamento na área de formação de adultos para o Governo-PAIGC.⁴

II. Retrospectivamente pode-se dizer que esses dois trabalhos avaliam Freire em relação à exigência por ele próprio formulada: a de um entendimento, através do diálogo sobre temas-chaves entre parceiros com mesmos direitos (o aluno-professor e o professor-aluno). Considerando tal exigência, o resultado de minhas pesquisas decepcionaram-me no que se refere aos resultados atingidos. Menosprezei um problema inerente ao sistema de Paulo Freire: este deveria criar, no processo de alfabetização, pelo menos no Terceiro Mundo, indivíduos aptos ao diálogo, que ele, na verdade, em consequência de sua visão humanística, pressupõe existentes. Exatamente porque os oprimidos são seres humanos e não animais, eles possuem a capacidade de refletir sobre si mesmos.

Segundo Freire, a sua grande tarefa histórica é pensar sobre esta capacidade e se libertar da sua mera inserção no mundo, transmitida historicamente. Contudo, já no começo desta tarefa, pelo menos os analfabetos de Angicos necessitaram da colaboração de outros setores da população, principalmente dos intelectuais.

Como os participantes do Círculo de Cultura, no decurso do processo político de alfabetização, chegam a ascender a parceiros do diálogo será mostrado mais à frente.

No Brasil e também em Guiné-Bissau, reproduziu-se inicialmente uma relação do tipo professor-aluno, embora ligada a um aprofundamento intensivo na análise da realidade local.

Os resultados provisórios das minhas pesquisas aqui mencionadas revelam as dificuldades em se desvincular o modelo teórico de um indivíduo crítico, autônomo, do contexto social em que ele surgiu: o desenvolvimento sócio-econômico e cultural europeu a partir da Revolução Francesa. Eles oferecem, porém, a possibilidade de analisar o problema da educação popular das perspectivas das duas partes envolvidas. Por outro lado, do ponto de vista de uma classe média radicalizada, que procurava uma saída da dependência neocolonialista e que, buscava aliados. Desta forma, o modelo acima citado atuou – em suas dimensões transformadoras da sociedade e da personalidade – como incentivo à motivação de pelo menos partes da classe média engajada.

Por outro lado, do ponto de vista de um “povo”, que em sua maioria se encontrava à margem do processo político dominante, mas que em

consequência das inovações técnicas e culturais, verificava que a sua interpretação habitual do mundo não dava conta da realidade.

Historicamente, tratava-se de dois grupos populacionais em busca, em movimentos de procura que revelavam uma insatisfação com o contexto costumeiro de vida e que traziam consigo uma base favorável para um novo pensar e agir. No caso de Angicos, pode-se falar que, na oferta de transmissão de conhecimentos de leitura e de escrita a analfabetos, existia um grande consenso de expectativas por parte de participantes e ofertantes. Outras concordâncias que se verificaram serão apontadas na parte de análise.

O relatório sobre a situação do ensino-aprendizado em Angicos nos anos de 1962–63 pode ser interpretado como paradigma para o complexo problema de entendimento do mundo entre os componentes de duas classes e as possíveis mudanças de comportamento concomitantes para ambos os lados.

Defendo, assim, uma ampla consideração da visão de mundo de que se apropriam grupos de indivíduos em virtude de seu contexto histórico de vida. Foi referindo-se a ela que Paulo Freire caracterizou o preciso conceito de “Escola do Mundo”. É preciso considerá-la não somente no sentido didático, como ponto de partida de uma viagem aos modelos de um dos grupos participantes da educação popular. Os parceiros no processo de entendimento através do diálogo encontraram-se em função da sua insatisfação com o mundo. Existia um interesse no diálogo sobre novas interpretações. Estas só podem ser integradas às identidades individuais e grupais, na medida em que se mostrem superiores às anteriores nos diferentes contextos cotidianos de vida. Resultados inesperados, não planejados, de aprendizado tornam-se, desta maneira, prováveis. Existem muitos educadores de que Paulo Freire e seus colaboradores possuíam, nos diferentes contextos sociais em que trabalhavam, a abertura e a coragem para admitir o inesperado e aprender dele.

III. Minha pesquisa do ano de 1976 trata somente de forma insatisfatória dos resultados duradouros da campanha. Investigações deste tipo exigem um dispêndio metodológico muito grande e ultrapassam o poder de realização do pesquisador isolado, que, além disso, como estrangeiro, ainda tem que vencer os problemas linguísticos do sertão brasileiro. Aqui permanece uma tarefa importante para os colegas brasileiros, em uma época em que investigações deste tipo tornaram-se também para eles novamente possíveis, sem prejuízos pessoais ou profissionais.

Já existem publicações importantes nesta direção.⁵ O seu caráter muitas

5. Sobre a campanha “De pé no chão também se aprende a ler” (1961-64) da Prefeitura de Natal – RN, Goes, 1980, e Wellington, 1981.

– Sobre o “Plano Nacional de Alfabetização” de 1963 – Manfredi, 1963.

3. Gerhardt, 1978.

4. Idem, 1981.

vezes puramente descritivo deve, no entanto, ser considerado. Justamente nesta nova área da pesquisa do ensino e aprendizado político do adulto, deve-se ir contra a tendência predominante de obscurecer fenômenos empírica e teoricamente não trabalhados com os manuais de normas e as suposições de deveres. A apresentação do currículo e do manual de instruções didático não é suficiente, especialmente na formação de adultos, para avaliar processos de aprendizado.

Com isso faz-se referência a problemas fundamentais na pesquisa educacional científica, que também atingem o meu trabalho:

- Os materiais citados foram, na maioria, redigidos como relatórios à instituição patrocinadora do programa (SECERN). Alguns documentos foram distribuídos à imprensa ou relatam notícias de jornal. A tendência à justificativa política e institucional da campanha precisa ser considerada.
- Meu método de investigação pode ser resumido no conceito “observação indireta”. O fato a ser exposto não era mais observável: eu fui obrigado a reconstruir a situação de ensino-aprendizado segundo fontes dos mais diferentes tipos. Os materiais empregados continham frequentemente só indicações indiretas de fatos a serem apresentados. Através de perguntas a alguns coordenadores participantes tentei reduzir ao máximo a variação resultante de interpretações. O leitor e os participantes da época devem julgar se eu fui ou não bem-sucedido.

IV. Encerrando, não quero deixar de agradecer aos meus parceiros de entrevista, pelas suas amabilidades em informarem e pelas suas solicitações que me permitiram a compreensão dos materiais da época ainda existentes.

Sinto-me particularmente agradecido à Gizelda Gomes Sales e a Vanilda Paiva, que acompanharam o surgimento do trabalho oferecendo sugestões e críticas.

AS 40 HORAS DE ANGICOS

Antecedentes

A população do Rio Grande do Norte elegera em 1960, Aluísio Alves para novo Governador. Em sua campanha eleitoral, esse político populista fizera da alarmante taxa de analfabetismo no Estado, ⁶ um dos seus prin-

6. Eram analfabetos 80% da população do Rio Grande do Norte que, nessa época, possuía 1.200 mil habitantes. *Tribuna do Norte*, Natal, 12 de Fevereiro de 1963.

cipais temas e prometera remediar essa situação. Após sua eleição, mostrou Aluísio que ele não era apenas um talentoso retórico que sabia entusiasmar as classes mais baixas da população, principalmente das cidades, mas que conhecia bem a estrutura de poder do Estado, um dos pressupostos fundamentais para a sua transformação. No campo onde ainda hoje vive a maioria da população, dominavam econômica e politicamente as grandes famílias de criadores de gado e proprietários de algodais. Essa dominação se estendia também ao sistema educacional. Sem a colaboração dessas famílias não se conseguia inaugurar escolas, contratar professores e efetivar a alfabetização de nenhuma pessoa. Nessa época a família Alves não possuía grandes bens, além de algumas propriedades no município de Angicos; sua influência advinha de uma política local reformista que Aluísio queria expandir no âmbito estadual. Se ele queria realizar seu plano de educação, ⁷ tinha que montar uma organização paralela ao ensino público já existente, que evidenciasse e propagasse os méritos de sua política, mesmo nas cidades e aldeias de seus adversários.

Em dezembro de 1962, o novo governador fundava o “Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte” (SECERN) e seu Secretário de Educação e Cultura, o jornalista Calazans Fernandes, ⁸ foi nomeado Diretor. O SECERN desenvolveu suas atividades paralelas às do SEC no setor de educação em quatro direções: ⁹

- Campanha de Alfabetização;
- Formação de professores de 1º e 2º graus em cursos de dois meses;
- Construção de escolas e instituições para a formação contínua da população;
- Apoio financeiro dos sindicatos, igrejas e associações privadas para os seus esforços de educação popular.

Como uma organização semi-estatal, podia o SECERN receber volumosas subvenções para seus objetivos. Estas vieram principalmente dos fundos da Aliança para o Progresso, ¹⁰ mas também a SUDENE, o Minis-

7. Até 1965 deveriam ser alfabetizadas 100.000 pessoas. (Veja: *Tribuna do Norte*, Natal, 12 de Fevereiro de 1963).

8. Calazans Fernandes na época era colaborador da revista americana *Time-Life*.

9. *Tribuna do Norte*, Natal, 12 de Fevereiro de 1963.

10. A política do governo Aluísio Alves correspondia aos “interesses de segurança dos EUA”, como nota: R. Roett, 1972, p. 110-120.

Os fundos foram distribuídos pela USAID-MISSION no Recife. Roett, então um componente dessa Mission, assinala, criticamente, a maneira política como foram divididos, ao escrever: “All the classrooms completed were located in the western region of Rio Grande do Norte, the governor’s home territory and the region in which the strongest opposition to Alves existed” (R. Roett, 1972, p. 122).

tério de Educação e Cultura em Brasília e, naturalmente, o próprio Governo do Estado deram ao seu programa generoso apoio financeiro. Assim foi possível deixar a formação e o aperfeiçoamento de professores para as escolas de 1º e 2º graus sob a responsabilidade de experientados pedagogos do sul do país, como também se dirigir ao Serviço de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco, para obter a colaboração de Paulo Freire e sua equipe no programa de alfabetização planejada. Aluísio Alves já tomara conhecimento da existência do “Método Paulo Freire” para a alfabetização de adultos, e este se revestira em seus olhos de duas grandes vantagens: ao mesmo tempo em que propiciava em poucas horas a aprendizagem da leitura e da escrita, permitia montagem de um programa economicamente viável, apesar dos altos gastos iniciais (devido à necessária aquisição de projetores de slides), pois o custo por pessoa alfabetizada era pequeno. Também a orientação cristã do pensamento de Paulo Freire, assim como as tensões nascidas entre ele e os comunistas, durante a campanha de Miguel Arraes em Pernambuco, eram conhecidas. Ambos os fatos poderiam servir como garantia contra suspeitas com relação ao uso subversivo do Método. Por outro lado, para o educador pernambucano e a sua equipe, se oferecia a possibilidade de testá-lo em larga escala.

O estudante de Direito, Marcos Guerra,¹¹ desempenhou um relevante papel na formação da equipe de alfabetizadores.¹² Ele era membro dirigente da União dos Estudantes do Rio Grande do Norte, e para ele e seus companheiros (jovens católicos progressistas), era fácil encontrar, no âmbito da universidade ou das escolas secundárias, pessoas interessadas em trabalhar como coordenadores do “Método Paulo Freire”. Este era na verdade pouco conhecido no Estado, porém, justamente nos círculos católicos estudantis, era muito grande a disposição para o “engajamento” no meio popular, principalmente do interior pouco desenvolvido.

Perguntados sobre a motivação que os levava a participar das campanhas, os coordenadores se referiam constantemente a tradição cristã-católica

11. O pai de Marcos Guerra era um importante intelectual católico do Rio Grande do Norte e através dele se conheceram Marcos e Paulo Freire (Entrevista com Carlos Lyra em Natal, 18 de Novembro de 1976).

12. Paulo Freire, junho de 1963, p. 19s., estabelecia duas condições para a colaboração entre o SECERN e o SEC/UFPE:

- Nenhuma interferência de partidos políticos na campanha de alfabetização;
- Exclusiva responsabilidade técnica e organizadora do SEC/UFPE nas campanhas.

nas suas casas paternas.¹³ A par disso, deve-se também levar em consideração a politizada atmosfera geral existente no Estado, principalmente após a eleição de Aluísio Alves, na qual cada pessoa alfabetizada era vista também como um eleitor e partidário em potencial das ascendentes forças reformistas e progressistas.

Angicos, uma pequena cidade no interior do Rio Grande do Norte

Angicos é uma pequena cidade no interior do Rio Grande do Norte. Está situada a cerca de 150 km de Natal, a capital do Estado, e era, no início dos anos 60, ligada ao litoral por uma estrada de ferro e uma outra de terra. A cidade propriamente dita abrigava em 1957 dois mil dos 12.947 contribuintes municipais, 80% da população vivia, portanto, na zona rural.¹⁴

O clima seco e quente, com seus constantes períodos de seca, permite especialmente extensas plantações de algodão. Esporadicamente, sempre nas imediações das pequenas barragens, se encontra também milho e trigo e, nas pastagens de má qualidade, mantém-se cabras, ovelhas e vacas. Naquela época existiam ainda algumas fábricas para o aproveitamento do algodão, as quais, através das compressões de fardos, tinham como produtos finais depurados, o próprio algodão e o óleo de algodão.¹⁵

No livro de Aluísio Alves dedicado à Angicos, as periódicas aparições das secas representam o principal problema da agricultura de sua cidade natal, podendo ser enfrentado apenas com uma sistemática construção de represas.¹⁶ Os períodos de seca constantemente obrigam grande parte dos camponeses e pequenos proprietários a emigrarem para o industrializado Sul do país, ou mesmo a procurarem empregos na menos seca região litorânea do Rio Grande do Norte. Alguns vão para o Norte do Estado servir como assalariados nas salinas.

13. Entrevista com Giselda Sales em Natal, 12.11.1976. Entrevista com Walkíria Félix da Silva em Natal, 18.11.1976. Cf. também as declarações da Sra. Félix da Silva em entrevista realizada por V. Paiva (1978, p. 239) em fevereiro de 1977. As Sras. Walkíria Félix da Silva e Giselda Gomes Sales eram, nessa época, coordenadoras em Angicos, e participaram também na campanha nas Quintas em Natal.

14. J. Pires Ferreira, 1960, p. 30.

15. Idem, ibidem.

16. A. Alves, 1940, p. 266s. e 293s.

A população de Angicos nunca tivera acesso a uma educação escolar satisfatória. Segundo as datas do recenseamento de 1950, foram considerados alfabetizados, podendo escrever seus nomes, apenas 26% da população maior de dez anos.¹⁷

Aluísio Alves considerava a pequena frequência às escolas de 1º grau, e a falta de escolas do 2º grau, como os principais problemas do sistema educacional da cidade.¹⁸ Ele constatou também um individualismo bem marcante em seus conterrâneos, os quais poucos praticavam uma ajuda recíproca no trabalho ou nos problemas familiares, estando cada um ocupado com a sua própria sobrevivência. Por isso recomendava, na conclusão do seu livro, uma maior união com relação aos interesses municipais e auxílio mútuo, defendendo o municipalismo.¹⁹ Sua família, cuja influência política devia crescer até se tornar a de maior peso da região, e ele como Governador, tinham agora a oportunidade de realizar as idéias que Alves tivera quando era um jovem estudante.

Nestes termos, a escolha de Angicos como o local para a experiência piloto do programa de alfabetização do SECERN foi consequente por ser possível levar o projeto a cabo sem a intervenção de forças políticas opostas e por acarretar mais prestígio à família Alves. Além disso, o município com suas características econômicas e geográficas, podia valer como um típico exemplo para o interior do Rio Grande do Norte.

Preparativos

As duas pesquisas preliminares

No começo de dezembro de 1962, o grupo básico de jovens católicos da Universidade de Natal, organizado por Marcos Guerra, se deslocava para Angicos, tendo como tarefa fazer um levantamento estatístico do local.²⁰

17. J. Pires Ferreira, 1960, p. 32.

18. A. Alves, 1940, p. 203-13.

19. Idem, p. 339.

20. M. Guerra, 1963, p. 1. (M. Guerra dirigia o Setor de Alfabetização de Adultos do SECERN. O relatório aqui citado fora destinado a direção do SECERN, na gestão de Calazans Fernandes.)

Em janeiro de 1963, tinha lugar a definitiva seleção dos coordenadores para os Círculos de Cultura, ficando a equipe composta por 21 membros, que, com poucas exceções, eram estudantes universitários em Natal.²¹

No final de dezembro se realizara uma segunda pesquisa, também em Angicos, e no começo de janeiro era feito o treinamento dos coordenadores, através dos colaboradores do SEC/UFPE.

A segunda pesquisa, que também fora realizada pelo grupo básico, teve como objetivo o levantamento do “universo vocabular” da cidade. Nas visitas, a população era também informada sobre o futuro curso de alfabetização.

Além disso, a partir dos dados da primeira pesquisa, e também com o auxílio de um pequeno questionário, foram discutidos os principais problemas do município. Nas conversas e entrevistas com a população, eram notadas as palavras e locuções que constantemente surgiam,²² o que resultou numa lista com o universo vocabular e outra com as frases e expressões mais usadas em Angicos, as “sentenças”.

Com relação ao pensamento e as condições de vida local, as pesquisas indicaram existir aí um grande apego à terra natal.

São registrados casos de subnutrição e envelhecimento precoce, sendo esse último atribuído pelos relatores ao clima semi-árido da região. A população é descrita como supersticiosa e politicamente acomodada, ou até mesmo indiferente.²³ O fatalismo predominante se expressa também numa descrença ante a própria capacidade de aprendizagem no projeto, tendo as duas pesquisas preliminares despertado entusiasmo para a vindoura campanha em apenas poucos moradores.²⁴

Palavras geradoras e formação dos coordenadores

Ambos os relatórios foram enviados para o SEC/UFPE para que fossem extraídas as palavras geradoras e codificadas as situações existenciais.

21. C. Lyra, 1963, p. 21. (Carlos Lyra foi nomeado pelos coordenadores como supervisor do projeto geral; neste cargo escreveu um “Diário” da Campanha. Os estudantes participantes pertenciam a diferentes cursos: Filosofia, Direito, Medicina, Pedagogia, Farmácia e Odontologia.)

22. Ao todo foram consultadas 2.087 pessoas no município de Angicos, das quais 1.229 foram consideradas analfabetas ou semi-analfabetas. Nesse grupo 685 pessoas queriam participar da Campanha de Alfabetização.

23. Paulo Freire (Abril-Junho de 1963, p. 20) classifica como “intransitiva” a consciência predominante em Angicos, tendo por base as pesquisas preparatórias.

24. Campanha de Alfabetização de Adultos, 1963. (Este documento contém todos os dados compilados pelas duas pesquisas preliminares.)

A equipe do Recife, com a colaboração de Elza Freire, escolheu as seguintes palavras: belota, sapato, voto, povo, salina, feira, goleiro, cozinha, tigela, jarra, fogão, chibanca, xique-xique, expresso, bilro e almofada.

A primeira palavra “belota” é um bom exemplo do respeito para com a cultura regional e o linguajar da comunidade a ser alfabetizada. Belota é uma deformação da palavra borlêta – pequena bola de tecido ou couro com franjas, deformação essa que é encontrada principalmente no interior do Rio Grande do Norte. Por belota são aí designados os tufoes redondos que ornamentam redes e chibatas, que dão a estes um valor particular, sendo através dos tufoes perceptível a habilidade do fabricante.

É característico do “Método Paulo Freire” que durante o curso não se tente ensinar o “correto” uso da palavra. Era tomado o valor local dos vocábulos na comunidade de Angicos como ponto de partida para o processo de ensino-aprendizagem.

A formação dos coordenadores foi realizada em uma semana, em pouco mais de dez horas. Colaboradores do SEC/UFPE e Paulo Freire falaram sobre seus campos de atividade e suas especializações.²⁵

O treinamento na arte de dialogar é considerado pelos coordenadores consultados em 1976, como uma das mais importantes preparações para a alfabetização. Eles simulavam a discussão em um Círculo de Cultura visando assim a preparação, como futuros coordenadores, para as dificuldades do seu trabalho e também para testar seu talento para esse tipo de “escola”. Dos quase 40 inicialmente previstos para o trabalho, no final somente 21 coordenadores levaram, efetivamente, a cabo a experiência.

As “40 horas”

Após as duas pesquisas preliminares, em dezembro de 1962, pode-se falar numa presença contínua dos coordenadores na cidade, a partir de 18 de janeiro de 1963.²⁶ Neste dia, acontecia a aula inaugural do

25. O documento “Experiência de Angicos” (sem data, p. 4) contém uma relação detalhada das aulas com seus respectivos expositores: Atualidade Brasileira (Paulo Freire); Economia Brasileira (R. Cavalcanti); Processo e Desalienação (L. Costa Lima); Planificação do Desenvolvimento (R. Cavalcanti); Cultura Brasileira (L. Costa Lima); Deficiência e Inorganicidade da Educação no Brasil (Paulo Freire); Considerações Gerais sobre o Método, Análise e Síntese (A. Cardoso Costa); Elaboração do Material Audiovisual: pesquisa vocabular, seleção das palavras geradoras e preparo das fichas (Paulo Freire); Prática e Metodologia do Ensino (Paulo Freire e A. Cardoso Costa).

26. C. Lyra, 1963, p.1.

“Experimento de Angicos”; 380 moradores do município começavam a sua alfabetização.²⁷ Porém, demoraria ainda mais quatro dias até que a primeira aula regular se realizasse. A instrução se iniciava com o “Conceito Antropológico de Cultura”.

O Conceito Antropológico de Cultura

A primeira ficha no quadro do “conceito” mostra a cabeça de um nordestino, podendo-se observar no slide setas que partem dela para seis diferentes objetos: uma casa, uma árvore, um cacimbão, um monte, com a forma do Cabugi, situado em Angicos; uma andorinha e um porco.

No treinamento dos coordenadores foram discutidos previamente objetivo e procedimento metódico na projeção dessa ficha.²⁸ A tarefa é a formação de uma “autoconsciência” nos analfabetos; eles devem aprender a se situar criticamente no seu meio.

O método para se atingir esse alvo é a colocação de perguntas, por parte dos coordenadores, sobre as várias partes integrantes do quadro projetado. “O que vemos aí?”, “o que está diante de nós?” são as simples perguntas iniciais, e os próprios coordenadores ficam desconcertados quando recebem respostas tais como: as setas representam a “ciência do homem”, seu “juízo”. “O homem tem necessidade disto”. A partir dessas respostas não é difícil debater em seguida os princípios antropológicos sobre o ser humano em seu meio ambiente, o meio ambiente onde nasceu e se criou. Ele encontra nesse mundo um variado número de coisas, algumas feitas pelo homem mesmo e outras preexistentes na natureza.²⁹

A subseqüente pergunta dos coordenadores é considerada pelo redator do “Diário” como fundamental para a compreensão do “conceito antropológico de Cultura”: “O que, neste quadro que está aí projetado, terá sido feito pelo homem?” Muito rapidamente as respostas se sucedem e distinguem de imediato entre o monte que está reproduzido, e assim sendo já preexistente na natureza, e a possibilidade da força do

27. *Jornal do Comércio*, Recife, 23 de junho de 1963. Dos 1.229 semi-analfabetos e analfabetos da cidade de Angicos, de acordo com os resultados das duas pesquisas preliminares, 30% deles participaram da aula inaugural.

28. C. Lyra, 1963, p. 2.

29. Idem, p. 2s.

trabalho humano erguer um semelhante. Essa concreta diferenciação é tratada com entusiasmo pelos participantes do Círculo de Cultura. Eles não teriam imaginado que soubessem tanto.³⁰

Ao lado das perguntas sempre mais estimulantes, os coordenadores, após estas intensivas fases de debates, introduzem conceitos os quais resumem as discussões. Assim são apresentadas expressões como “mundo da natureza” para o mundo não criado pelo homem, e “mundo da cultura” para o mundo criado por ele. A partir das respostas dos participantes os coordenadores trazem à discussão mais noções do “conceito antropológico de cultura.” Por exemplo: a idéia do homem colocado no mundo, com o qual e no qual cresce, é incluída no conceito de “Evolução Humana”.³¹

A segunda e a terceira fichas (da caça com o arco e flecha à caça com espingarda) servem ao mesmo tempo para o esclarecimento da “Evolução Humana” e para exercitar a distinção entre “Mundo da Natureza” e “Mundo da Cultura”. As perguntas iniciais são semelhantes às da primeira ficha: “O que vemos aqui?”, “o que significa. . . ? etc., e a operação com esses conceitos transcorre com facilidade em todos os “Círculos” imediatamente após o segundo slide.

As fichas quatro (o gato como caçador), cinco e seis se prestam para a elucidação de variados aspectos culturais, aprofundando a distinção entre seres humanos e animais e levar a novas reflexões e conceitos.

No “Diário” pode-se acompanhar muito bem, como os coordenadores se esforçam para seguir em seus círculos as idéias teóricas e afirmações didáticas de Paulo Freire para cada uma das fichas. Frequentemente após as respostas dos participantes, é feita uma citação de seus escritos. Desse modo se procura demonstrar que as respostas já foram previstas por ele, a partir do seu vasto conhecimento teórico e de sua conseqüente prática até então.

A quinta ficha apresenta um vaqueiro do Sul do país; um gaúcho. Nele deve ser percebido que a cultura pode se expressar em diferentes formas de comportamento, aqui exemplificado pelo tipo de roupa. Em relação com a discussão desse slide é notificado por um “Círculo”, um intercâmbio cultural entre os analfabetos e os coordenadores. Depois que o coordenador relatou sobre os costumes dos gaúchos, ele se confundiu sobre algumas particularidades dos hábitos alimentares do sul. Esses ainda eram conhecidos pelos analfabetos que assim puderam esclarecer seu coordenador.

30. Idem, p. 3s.

31. Idem, p. 3.

“Troca de Cultura” é a expressão com a qual o “Diário” se refere a esse fato. O coordenador esclareceu algo aos participantes e esses o deixam tomar conhecimento de coisas antes desconhecidas. Sua afirmação de ter aprendido algo deles provoca orgulho e entusiasmo.³²

As duas fichas seguintes devem apresentar as possibilidades criativas do homem e documentar o seu talento para transformar a natureza. Esse talento se expressa tanto no arco e flecha, em obras de artes como a panela, como também nos livros de um “doutor”. A comparação feita com o “doutor” por alguns coordenadores dá aos educandos dos respectivos “círculos” uma enorme autoconfiança e desperta neles o sentimento de autovalorização. E não há surpresa se após as “Aulas de Cultura” a opinião predominante é a de não ter aprendido nada de novo, tendo a memória sido somente “refrescada”.

A discussão do “Conceito Antropológico de Cultura” ocupou apenas quatro das 40 horas, mas foram de fundamental importância pois, o “Refrescamento da Memória” dava um vigoroso impulso na confiança dos analfabetos em sua própria capacidade. Além disso, a partir das exercitadas abstrações advindas do “conceito”, eles possuíam uma espécie de visão do mundo na qual podiam classificar-se assim como a sua atividade. Deste modo eles descobriam seu próprio valor num todo coerente, justamente no “Mundo da Cultura” que se ergue sobre o “Mundo da Natureza”, e imediatamente, não mais se viam como incultos. A ideologia da “incultura” do povo, se mostrava com falsa aparência nos critérios do “Conceito Antropológico de Cultura” e desse modo ele era aceito de bom grado.

O “Mundo da Cultura” encerra diferentes possibilidades de realização da criatividade humana, e os habitantes de Angicos representam com seu trabalho uma dessas. Para chegar a conhecer outros campos e possibilidades é importante dominar a técnica de ler e escrever. Essa porém, nada mais é que uma apreensível técnica que, na opinião do SEC/UFPE e dos coordenadores, pode contribuir para uma plena realização das capacidades humanas.

Os coordenadores confirmam unanimemente a importância das “Aulas de Cultura”, vistas por eles ainda hoje como uma das vantagens do “Método Paulo Freire”. O impulso motivador que pode ser provocado por elas, contribui em larga escala para que os analfabetos aprendam com rapidez e boa vontade.

Tendo as “Aulas de Cultura” sido encerradas, antes da seqüência de alfabetização se tentava a distribuição de cada um dos “Círculos” de acordo com os resultados de um teste de inteligência. Todavia um teste não ver-

32. Idem, ibidem.

bal,³³ onde se devia ordenar figuras, exigia demais e confundiu os alfabetos. Desse modo o projeto de constituir as novas classes para a discussão das palavras geradoras segundo habilidades intelectuais foi suspenso.

A primeira palavra geradora: "BELOTA"

É projetado um cavaleiro com trajes típicos do interior do Rio Grande do Norte. Ele conduz seu burro com uma chibata, podendo ao fundo ser vista a árida paisagem do sertão. O chicote está enfeitado com uma borla, ou "belota"; primeira palavra geradora de Angicos. Ela aparece acima, à esquerda no *slide*.

Na reunião matinal de coordenadores se estabelecera, com base nas duas pesquisas preliminares, os seguintes temas de discussão para essa ficha: efeitos da seca; pau-de-arara; êxodo rural; exploração do homem pelo homem; importância da fixação do homem ao solo.³⁴

Cada uma das classes é levada pelos coordenadores, através das já mencionadas perguntas simples, a discutir o *slide* com ajuda do "Conceito Antropológico de Cultura". Esse procedimento dá bons resultados, o que pode ser atribuído ao fato de serem projetadas situações típicas do sertão. Cada um pensa reconhecer determinada localidade do município de Angicos na ficha apenas esboçada.

Após algum tempo, o coordenador dirige a atenção dos debatedores para o efeito da chibata: a "belota", a ser interpretada como expressão da capacidade criadora humana. Além disso, ele aponta os caracteres da palavra projetada no ângulo superior esquerdo do quadro. Com a repetida lembrança das categorias do "conceito" essa "associação" é bem-sucedida, quer dizer: os analfabetos podem em relação à borla projetada, ao mesmo tempo ordená-la no mundo cultural e estabelecer também uma relação entre a figura e a palavra escrita. "Be-lo-ta" aparece então como um *slide* específico e é pronunciada várias vezes em comum. Perguntando como a boca se movimenta normalmente ao pronunciar a palavra, o coordenador passa a chamar atenção para a divisão de todas as palavras em sílabas e fonemas. São, então apresentadas individualmente as sílabas separadas (be-lo-ta) e é introduzido o conceito de "família de palavras". "Be" pertence à família das sílabas ba-be-bi-bo-bu iniciadas com a letra "be".³⁵ "Qual destes pedaços usamos para formar a palavra "belo-

34. C. Lyra, 1963, p.5. Infelizmente no "Diário" e em outros documentos, é relatado pouco sobre os diálogos que resultaram das fichas projetadas e dos temas propostos para a discussão.

33. Teste de Inteligência Não Verbal. WEIL; Pierre Gilles, *Forma "A" Bateria Fatorial Cepa, Fator "G"*. Rio de Janeiro, 1962.

35. C. Lyra, 1963, p. 5s.

ta"?, soa a pergunta, vindo em seguida a projeção e discussão das duas "famílias" restantes; la-le-li-lo-lu e ta-te-ti-to-tu. Então já é possível para alguns integrantes dos círculos de cultura, escrever o vocábulo be-lo-ta no quadro negro. Na verdade com letras desmedidas, muito trêmulas e incertas, porém o primeiro escrito em suas vidas.

A compreensão do mecanismo de formação das palavras é aumentada através da projeção das três famílias num mesmo quadro; rapidamente "belota" é descoberta nessa confusão de sílabas e o mecanismo é percebido. Os participantes constroem então autonomamente, através do alinhamento das sílabas projetadas, os primeiros vocábulos: lata, bala, tatu.

Ao lado disso eles formam, de maneira puramente mecânica, também termos que não existem na língua portuguesa. Dentro dos círculos, se dá o nome de palavras mortas a esse tipo de união silábica, enquanto as outras são denominadas palavras de pensamento. Assim o esforço para a formação de novos vocábulos não se torna desencorajador, e com o passar do tempo se começa a atentar para a existência real das palavras produzidas.

Além disso é importante que os próprios participantes decidam sobre a existência do termo, sendo o coordenador consultado apenas em casos de polêmica.

A partir das três famílias de palavras são distinguidas as consoantes das vogais, e essas últimas aparecem em um novo *slide*.

Os analfabetos aprendem a formar novos vocábulos das letras conhecidas (as vogais), consoantes e sílabas, além disso já resultando também frases. Ambas são escritas no quadro-negro pelos respectivos inventores, e daí as palavras são copiadas nos cadernos. No final da quarta hora de alfabetização, nos apontamentos de cada participante estão estampados "belota" e outros vocábulos; desproporcionados, não respeitando as pautas e a maioria mesmo quase não cabendo em uma página.³⁶

As 32 horas seguintes dão seqüência ao tema das primeiras quatro horas de alfabetização, nas quais "belota" era exibida. As 16 palavras geradoras restantes são projetadas e debatidas em diferentes durações de tempo de acordo com o círculo.

Aqui devem ainda ser rapidamente mencionadas três inovações, durante o curso em Angicos, relacionadas com o sucesso na alfabetização:

- Uma coordenadora denomina cada uma das sílabas de tijolo, o que faz uma associação entre a construção de uma casa e a construção de uma palavra, e assim aumenta o entendimento dos participantes para a formação dos vocábulos e frases. Esse exemplo é seguido pelos outros círculos.

36. Idem, p. 5s.

– Outro grupo descobre a possibilidade de projetar na parede, palavras preparadas por seus integrantes e escritas em papel vegetal. A projeção da caligrafia própria, reduz o efeito da alienação causado pela perfeição da escrita impressa.

Constitui-se em muitos círculos a tendência de “batizar” as letras, quer dizer, são atribuídos nomes de objetos utilizados na região aos caracteres, de acordo com a sua forma. Do “s” por exemplo, resulta o armador de redes.

Para que sejam por completo indicados, enumero ainda alguns outros experimentos didáticos e formas de motivação, originados da prática de alfabetização:

– São promovidas competições repetidas vezes, pela criação da maior palavra ou pela formação de palavras com sílabas fornecidas. Para esses desafios, os coordenadores subdividem seus grupos em equipes.³⁷

– Os coordenadores chamam a atenção com frequência para a utilização prática da alfabetização, visando criar motivação para a aprendizagem (por exemplo: distinção de rótulos de garrafas: veneno-leite).

– Também se alfabetiza nas prisões, e uma conclusão bem-sucedida conduz à redução da pena.

– A equipe de-coordenadores cria situações artificiais para aperfeiçoar a capacidade de escrever dos participantes: os desejados filmes, exibidos à noite, a partir da metade dos cursos tinham que ser requisitados a Carlos Lyra pelos participantes, através de cartas manuscritas.

– Se apela para o nacionalismo dos integrantes do círculo, e é lembrado que a possibilidade de se aprender a ler e escrever em Angicos não se repetiria facilmente.

Nesses exemplos se torna claro, como o Método se aperfeiçoa em seu emprego, e como se serve dos estímulos motivadores mais de acordo com a concreta situação de alfabetização. Nesse âmbito metódico-didático, no tipo e modo de transferência de conhecimento, é salientada em várias partes do “Diário” a capacidade de “bolar” do povo.³⁸

Alfabetização política

A equipe de coordenadores de Angicos tinha à sua disposição, os dados sócio-econômicos das duas pesquisas preliminares. Esse nível de informação era bem refletido pelas fichas escolhidas para a experiência de alfabetização, assim como também pelos diálogos que se seguiram a elas.

37. A subdivisão tinha que ser feita pelos coordenadores, pois de outro modo chegava a haver logro. C. Lyra, 1963, p. 10.

38. C. Lyra, 1963, p. 12.

Os *slides* representavam situações típicas da vida em Angicos, gravada em característicos dados geográficos da região sertaneja.³⁹ No treinamento dos coordenadores em Natal, já se estabelecera de maneira geral os principais pontos para o diálogo em cada uma das fichas. Além disso, eles foram novamente debatidos nas reuniões matinais dos coordenadores durante o projeto. Isso acontecia para que fosse diariamente examinada a uniformidade do procedimento e, também, para fazer correções na orientação dos debates e nos temas de discussão.

Infelizmente os materiais recolhidos reconstituem apenas insuficientemente de duas a três horas de discussão acerca de uma codificação. Deste modo o conteúdo das discussões tem que ser deduzido, parcial e indiretamente, com base nas palavras e frases formadas pelos educandos nos debates realizados. Também as entrevistas com os coordenadores participantes nessa época, não resultaram em posteriores esclarecimentos por causa do longo espaço de tempo já passado. Os testes de politização de múltipla escolha, avaliados de maneira numérica, ajudam pouco.

A situação precária dos materiais se torna ainda mais lamentável, quando sabemos que *Paulo Freire* considera a conscientização como pressuposto e condição para a alfabetização. Para expressá-lo com suas próprias palavras: “Essas situações (se referindo às codificações das situações existenciais) irão funcionar como elementos desafiadores do grupo. Os debates em torno delas levarão o grupo a se conscientizar para que depois, e concomitantemente à sua conscientização, se alfabetize.”⁴⁰

Com as mencionadas restrições são analisadas a seguir três codificações, junto às correspondentes palavras geradoras da fase de alfabetização.

Sapato

Na ficha projetada vê-se um sapateiro em sua oficina, colocando solado num sapato.

Essa situação foi escolhida pelo SEC/UFPE porque Angicos é um dos maiores produtores de couro da região. E apesar disso poucos moradores da cidade têm a oportunidade de usar sapatos, pois os preços são muito altos.⁴¹

39. Idem, p. 6-21.

40. “Nem todos os caminhos levam ao be-a-bá de Freire”. *Jornal do Comércio*, Recife, 23 de junho de 1963, p. 19.

41. C. Lyra, 1963, p. 6.

Tendo em conta essa contradição, que ficara clara na discussão anterior, os coordenadores deviam passar a tratar do couro como matéria-prima, sua preparação e uso posterior. Logo a seguir se analisaria o trabalho de um sapateiro e o trabalho em geral, não só em seus aspectos artísticos e criativos (o sapateiro como criador de cultura), mas como elemento capaz de unir os homens. Por fim deviam ser tratadas formas de organização sindical, podendo com isso mostrar aos educandos com que orgulho e honra o sapateiro está convocado e autorizado a participar dos destinos de sua nação e de sua classe.⁴² Para conseguir essa compreensão, os coordenadores tentam provocar novas associações de idéias nos participantes dos círculos. Auxiliados pelos estímulos visuais das fichas, eles devem refletir sobre sua situação na realidade brasileira.

Além disso são trocadas informações entre educador e educando. O educador aprende a compreender melhor as condições de vida em Angicos, ao passo em que ele mesmo, com seu conhecimento sobre a realidade global brasileira, ajuda a aumentar nos moradores da cidade a consciência dos problemas.

As frases citadas no "Diário" relativas à palavra geradora "sapato" indicam importantes progressos em alguns analfabetos, os quais deveriam ter a sua antiga concepção decisivamente abalada: "Eu sou capaz -- diz um integrante do círculo de M. Guerra -- de dar mais valor ao trabalho de um sapateiro que ao do doutor que faz livro. Se o doutor passa descalço, com o livro debaixo do braço, por cima de uma moita de espinho, saberá por que".⁴³ No grupo de W. Félix é notado que "o Governador é uma figura muito importante, mas se deixar de usar sapato perde a importância".⁴⁴

Para esses educandos, a participação do sapateiro na importância do Governador se tornou clara. Ou seja, o trabalho de um sapateiro, imaginado pelos coordenadores como sinônimo para o simples artesão, tem seu grande valor até mesmo para o Governador. Este, tido como muito importante e poderoso, não pode portanto prescindir do trabalho de um simples homem do povo. Tal aspecto é novo e insólito.

Voto -- povo

A ficha mostra um nordestino votando.

As discussões prévias determinavam que devia ser primeiramente esclarecida a diferença entre povo e massa. Posteriormente se explicaria

42. Idem, ibidem, p.6.

43. C. Lyra, 1963, p. 7. Também P. Freire, Stuttgart, 1974, p. 64, onde essa sentença é igualmente citada.

44. C. Lyra, 1963, p. 7.

sobre o voto e o comportamento eleitoral de cada um, com vistas ao processo brasileiro de democratização em geral. Ao lado disso, era para ser particularmente apontada a enorme importância do eleitorado nordestino, que pesaria muito na balança nacional.⁴⁵

A respeito dessa codificação, C. Lyra chama a atenção para o fato de que, não se trata aí de reter aulas escolares sobre o povo e democracia. Seria importante que os próprios educandos viessem a expor suas idéias sobre esses conceitos, e sobre a participação no processo político. Apenas através de constantes diálogos dentro do círculo, chegar-se-ia a uma articulação das diferentes opiniões, como também a sua reformulação e revisão. A palavra "povo" é o ponto de partida proposto para o diálogo, e não o conceito a ser aprendido.⁴⁶

"Povo--voto" representa uma das poucas codificações nas quais é resumido em forma de notas, o debate nos círculos:

-- Um importante ponto de discussão, parece ter sido a doutrina cristã da igualdade entre todos os homens perante Deus. Essa igualdade, porém, era repetidamente destruída -- segundo a opinião dominante nos círculos -- pelos homens cobiçosos. Com a ganância humana explica-se também a existência de pobres, ricos, desigualdade e discórdia tanto em Angicos como no mundo. Assim, para que o povo, apesar disso, possa conseguir alguma coisa, ele tem que retornar à "harmonia e igualdade" que existiu no passado. E para esse regresso ele tem de se unir e lutar.

Outro segmento da discussão parte do direito constitucional de todos os brasileiros.⁴⁷ Todos os homens têm direitos básicos, e um desses é o direito de votar. Contudo a Constituição vincula esse último ao conhecimento de ler e escrever, sendo por isso necessário o aprendizado de ambos para poder exercer seu direito constitucional. Nossos avós lutaram por este direito; nós o devemos defender. A venda de voto rouba o valor desse direito, rouba mesmo o mérito de representar a opinião de um brasileiro livre.

Esse segmento da aula age muito mais marcado pelo prévio conhecimento político e histórico dos coordenadores que o primeiro. Mostra-se

45. Idem, p. 5.

46. Idem, p. 5.

47. A Constituição Brasileira era constantemente proposta à discussão pelos coordenadores, nos círculos de cultura. Como resultado em alguns grupos esse texto se tornou a leitura preferida. C. Lyra, 1963, p. 14.

aparentemente que quanto mais perto os debates giravam em torno duma possível influência política direta, quanto mais difícil era evitar certo grau de instrução política por parte dos coordenadores.⁴⁸

– O manifestado sentimento religioso dos educandos era tanto quanto possível utilizado para a ativação política deles. O objetivo final da história, o regresso ao estado paradisíaco, teria possuído igual validade para os coordenadores e analfabetos, nesses, através da graça divina; e nos outros, pelo esforço humano.

– “Os políticos não prestam porque só fazem promessas”. “Povo é o que nós é, na época das eleições”.⁴⁹ Sentenças como essas parecem apontar uma compreensão objetiva do processo político. C. Lyra lembrava-se a propósito, da quase unânime recusa à venda de votos, depois que se debatera sobre isso minuciosamente durante dois dias.⁵⁰ No segundo dia de debate sobre voto-povo é registrada a seguinte troca de palavras: “Eu pensei na nossa discussão de ontem” – diz um participante em alusão ao *slogan* “O voto é uma arma do povo” pronunciado no dia anterior. “Está certo, porém não existe ninguém que derrube o candidato eleito por nós, caso ele não valha nada”. Ele é derrubado – tenta o coordenador para confortar. Todavia não se dá nenhum crédito a essa garantia no círculo; as experiências com os políticos até o momento ensinavam algo diferente, assim alegavam os educandos.⁵¹

Essa discussão é altamente interessante. Ela mostra realmente a “Troca de Cultura” como um choque entre a experiência de vida e a euforia em relação à possibilidade de uma participação direta do povo no processo político. Além disso fica claro, que trabalho fatigante e metucioso

48. Cf. as observações de W. Félix a respeito dessa palavra geradora: “Todos tínhamos, na época, inclusive o Paulo Freire, muitas ilusões. Pensávamos que o povo iria dizer quais eram os objetivos de toda aquela mobilização, ao mesmo tempo que tínhamos a democracia representativa como modelo. Na verdade, não era o povo que iria dizer qual regime político era melhor para ele. Ele era preparado para participar, ao nível eleitoral, do processo de decisão. O povo era valorizado até o momento de votar; daí por diante, tudo cabia ao Estado... Além do mais, na aplicação, tudo estava permeado de nacionalismo; dirigíamos nossos esforços para mostrar a exploração do Brasil pelos estrangeiros. Começávamos pela discussão da fome concreta do nosso aluno e terminávamos na América do Norte... As discussões nas classes eram por nós minuciosamente preparadas em reuniões nas quais discutíamos os objetivos diários. Assim, já sabíamos que iríamos explorar nas aulas, quisessem ou não os alunos.” (V. Paiva, 1980, p. 205-6).

49. C. Lyra, 1963, p. 8.

50. Entrevista com C. Lyra, Natal, 18.11.1976.

51. L. Lobo, 1963, p. 4, (trecho retraduzido).

exige-se dos educadores, e sobretudo que quantidade de experiências diversas são necessárias aos educandos para realmente convectê-los do *slogan* político “O voto é a arma do povo”.

Expresso

Um ônibus viajando numa estrada do Nordeste. Ao fundo no *slide* se reconhece o monte Cabugi. O ônibus é o mais importante contato dos moradores de Angicos com o mundo exterior. Ele realiza grande parte do transporte de passageiros pois a ferrovia serve quase que exclusivamente ao transporte de cargas.

Assim é lógico, que, segundo a instrução dos coordenadores, as relações externas da cidade devem ser debatidas com a projeção de um ônibus. A discussão da comunicação entre os homens, abrangia os campos cultural, político e econômico.

Essa problemática foi debatida durante três horas e ao final ficaram exteriorizadas as seguintes opiniões:

“O transporte é muito importante porque leva (e traz) sabedoria. A gente constrói a estrada – porém, só come poeira. A vida é uma praga quando se mora em Angicos. O povo de Angicos se libertou.”⁵²

Tais declarações indicam que os debates sobre os meios de transportes provocam uma comparação com as condições de vida em outros lugares, o que foi confirmado também pelas entrevistas.

Geralmente a opinião dominante é a de que os moradores da área litorânea possuem um nível de vida superior. Lá existe a cultura e sabedoria, que agora na pessoa dos coordenadores também vieram para Angicos. A frase da libertação da cidade, que então estaria livre da ignorância e do analfabetismo diz respeito a isso. E quase para dar provas que cultura agora tomou lugar também no povo, o “Diário” cita duas poesias do educando Manezinho.⁵³

Em conexão com o debate da palavra geradora “Expresso”, aparece pela única vez no “Diário” uma alusão às contradições sócio-econômicas da região.⁵⁴ Um participante, assim relatou a sua coordenadora após a aula, queria formar a frase: “No trabalho passei fome”; porém ele notava seu patrão entre os ouvintes curiosos e guardou-a para si.

52. C. Lyra, 1963, p. 13s.

53. C. Lyra, 1963, p. 15. G. Gomes relatou que anos após o curso, ainda tinha contato com alguns participantes do círculo por intermédio de cartas, as quais em sua maioria se mantiveram em forma de versos.

54. C. Lyra, 1963, p. 15.

Surpreende que o relatório não aliste mais exemplos semelhantes nos quais o povo se abstenha de uma exteriorização de pensamento livre, especialmente na presença das suas autoridades, da grande leva de jornalistas e dos coordenadores desconhecidos da cidade. Para os coordenadores de Angicos essa questão parece não ter chegado a ser um problema.

Avaliação do aprendizado

Alfabetização através da conscientização era o objetivo do experimento piloto de Angicos, e em consequência disso foram realizados testes nas 35ª e 36ª horas. Contudo, justamente nesses dois dias realiza-se a festa do padroeiro da cidade; assim participaram nos exames apenas 122 educandos – 32% dos presentes na aula inaugural.⁵⁵

No exame de alfabetização foi avaliada a capacidade para formar palavras a partir de sílabas dadas, respectivamente para subdividir em sílabas. Além disso, tinha-se que reconhecer sílabas omitidas em algumas frases, assim como após a projeção de uma ficha conhecida era para descrever a imagem com uma oração original.

Numa escala de valores de zero a dez ficaram 38 dos 122 examinados abaixo da nota 5, e por conseguinte apenas parcialmente podiam ser considerados como alfabetizados. Passaram 70% nas provas.⁵⁶

O teste de politização⁵⁷ seguiu em suas questões as afirmações do “Conceito Antropológico de Cultura” e as suas discussões de algumas codificações. Foi perguntado sobre a diferença entre povo e massa – sendo exigido outra vez uma oração original – e tinham que ser distinguidos numa série de objetos os quais pertenciam ao mundo da cultura.

Ao lado disso existiam também perguntas sobre as reformas de base mais necessárias (testes de múltipla escolha).⁵⁸

Nesse tipo de verificação, ao todo 15 dos 122 examinados ficaram abaixo da média 5, e por conseguinte 87% passaram no teste.⁵⁹

55. SECERN, março de 1963.

56. SECERN, 1963.

57. Quanto ao conceito de politização ver P. Freire, junho de 1963, p. 21.

58. Entrevista com C. Lyra, 1976.
Entrevista com W. Félix, 1976.

59. S. M. Manfredi chega a resultados parecidos em sua tese de mestrado sobre o Plano Nacional de Educação (PNE), 1976, p. 120.

Desses resultados, com relação ao número inicial de 380 participantes, produziu-se uma média de aproveitamento de 22% para a alfabetização e 28% para a politização.⁶⁰

À primeira vista espanta o grande número de desistentes durante o curso. Os meus entrevistados explicam a grande baixa na frequência, principalmente com a estação do ano na qual o curso se realizou. Em fevereiro começam a cair na região de Angicos as escassas chuvas, às quais a agricultura do sertão deve a sua sobrevivência. Nesta época os campos têm de ser cultivados, e conseqüentemente para muitos participantes dos círculos de cultura, as chuvas que começavam a 5 de fevereiro de 1963 significaram o fim de sua alfabetização. A lavoura, freqüentemente fora dos limites do município não lhes deixava mais tempo para isso.

O “Diário” nota desde a 10ª hora (6 de fevereiro de 1963) uma ligeira queda na quantidade de alunos, que aumenta nos dias seguintes levando a fusão de algumas turmas.⁶¹ Em duas semanas diminui em 80 o número de participantes.⁶² Carlos Lyra observou com surpresa que entre os que se afastaram encontravam-se os mais avançados do seu círculo. Essa circunstância parece indicar que os educandos mais ativos e operosos, possuíam ao mesmo tempo a mais intensa capacidade de aprendizagem e a mais alta motivação básica.

Na seqüência o “Diário” elogia em alguns exemplos aos poucos “heróis” que não obstante continuaram o curso, ou enviavam suas crianças de pouca escolaridade para que anotassem todas as novas palavras; no fim da semana o pai queria recuperar tudo. Porém esses exemplos isolados não se podem sobrepor-se ao erro, hoje abertamente admitido pelos coordenadores interrogados, cometido com a disposição do curso em tal época do ano.

60. Em uma entrevista com o correspondente do *New York Times*, J. de Onis, C. Lyra indica outros números: “Após 36 horas, dos 380 que iniciaram, 150 terminaram o curso. Dessas 150 pessoas 136 podiam ser considerados como alfabetizados, isto é, eles podiam escrever pequenos exercícios e cartas ao presidente João Goulart”. O artigo do *New York Times* foi reeditado no *Jornal do Comércio*, Recife, no dia 23 de junho de 1963 (trecho retraduzido). P. Freire dá mais uma vez outros números absolutos, todavia suas cifras de porcentagem concordam com as calculadas por mim.

“Trezentas pessoas foram alfabetizadas em Angicos em menos de 40 horas. (...) 300 seres humanos formaram uma consciência crítica e se alfabetizaram. (...) Em conclusão do Experimento de Angicos fizemos exames para medir os resultados do aprendizado (70% de resultados positivos com respeito a noções de ler e escrever, 80% de resultados positivos com referência ao conhecimento de problemas da nação brasileira).” (P. Freire, junho de 1963, p. 20s. (trecho retraduzido).

61. C. Lyra, 1963, p. 9.

62. Idem, p. 12.

Apesar do modesto balanço numérico, o experimento piloto de Angicos foi considerado como êxito. O método de alfabetização de Paulo Freire mostrara em sua primeira aplicação num âmbito maior, que era possível em 40 horas ensinar adultos analfabetos a ler e escrever. Na situação histórica do ano de 1963, esse experimento significava uma revolução, pois parecia tornar possível a geração, a curto prazo, de milhões de novos eleitores. E os setores nacionalistas da época acreditavam poder contar com esses votos. Só assim se explica que o Presidente João Goulart e as altas autoridades do seu Partido (PTB) se deslocassem até Angicos. Lá, João Goulart deu pessoalmente a última, a 40ª aula de alfabetização.

Em uma das cartas entregues a ele nessa oportunidade estava a frase: "Agora mesmo não sou maça sou povo e posso esigir meus direitos." (Agora mesmo não sou massa, sou povo e posso exigir meus direitos).⁶³

A alfabetização através da conscientização produziu seus frutos.

RESUMO

Os objetivos da aprendizagem no projeto foram estabelecidos em um passo triplo:

- a) Duas pesquisas preliminares deram o âmbito para a escolha das palavras geradoras e suas codificações.
- b) Reuniões diárias de coordenadores abriram a possibilidade de colocar modificações a curto prazo para todos os círculos, no conteúdo e no método sugerido.

Os fundamentos do Método que não chegaram a ser modificados nas reuniões de coordenadores eram:

- a) As "Aulas de Cultura" para motivação e preestruturação da interpretação da experiência à luz de uma determinada concepção;
- b) A carga metódica na compreensão visual e nas associações dirigidas;
- c) A prática de se recorrer a temas da vida cotidiana em Angicos, sob intensa consideração e evidência de regionalismos nos hábitos e na maneira de falar.

Quanto as associações dirigidas é conveniente ressaltar que o coordenador iniciava os debates sobre as fichas, através de perguntas orientadoras e, às vezes, também sugestivas. Esse procedimento pôde ser bem-sucedido porque as codificações aproveitavam problemas centrais da vida dos educandos. A pergunta do coordenador – falando

63. Idem, p. 21.

figuradamente – representava a perfuradora que fazia um buraco num barril repleto de opressivos problemas. Essa metáfora pode explicar a verbosidade freqüentemente mencionada nas entrevistas, que era típica em alguns participantes, particularmente no período inicial.⁶⁴

O objetivo era uma reinterpretação do material assim acumulado, inicialmente à luz do "Conceito Antropológico de Cultura". O homem como criador e aperfeiçoador do mundo devia se manifestar.⁶⁵ Como exemplo para a verificação efetiva do "Conceito", deve ser lembrada mais uma vez, a declaração de não se ter aprendido nada de novo, tendo os pensamentos todavia sido ordenados de forma diferente.

Com relação à politização, deve-se registrar que para os coordenadores não se tratou de fazer aí contestações de natureza histórica, religiosa ou política. Eles se empenharam muito mais em partir das reflexões e exteriorizações de opinião dos educandos, utilizando-as. A ganância dos homens como agente histórico e o postulado cristão da igualdade, ambos propostos nos debates pelos analfabetos, postavam-se com os mesmos direitos ao lado dos temas de discussão introduzidos pelos educadores, como por exemplo, a Constituição Brasileira, a diferença entre povo e massa, o slogan "O voto é a arma do povo" entre outros. E isso não apenas porque os coordenadores estivessem trilhados em rumos ideológicos semelhantes, mas sim, porque os temas propostos pelo povo não contradiziam o programa de ensino nos moldes nacionalista-desenvolvimentista.

Podemos qualificar os temas e a maneira de colocar os problemas (povo, massa, democracia, voto) como especificações e prolongamentos das discussões, conforme foram conduzidas no âmbito dos Católicos Radicais de maneira geral, e no SEC/UFPE na JUC/Natal, especialmente. Esses temas e conceitos parecem ter sido introduzidos nos debates pelos coordenadores e defendidos em uma orientação nacionalista-desenvolvimentista. Estava em jogo a mobilização da população para a construção de um novo Brasil, o voto correto dos então alfabetizados, era, aos olhos dos nacionalistas, a mais evidente expressão à curto prazo dessa mobilização.

Com o procedimento descrito os educadores contradiziam suas próprias regras e noções de um processo pedagógico que recusava as aulas sobre democracia, povo e voto. A equipe de coordenadores julgou junto com o SEC/UFPE que os analfabetos por si só discutiam esses problemas na tendência nacionalista-desenvolvimentista, a partir do

64. "Diário" interpreta as codificações quase misticamente como estímulos visuais, com ajuda dos quais efetua-se uma reação "independente da vontade". C. Lyra, 1963, p. 5.

65. C. Lyra, 1963, p. 5.

estímulo visual das fichas. Na prática, porém, eles ensinavam o povo a se compreender também politicamente como semelhante e a se recusar a ser massa.

— A discussão da questão política da realidade brasileira esteve desde o começo no centro dos debates nos círculos de cultura. Em consequência, a quota de politização foi maior que a de alfabetização. Contudo, tentei mostrar que essa forma de politização nem sempre correspondeu à experiência dos moradores de Angicos. Ela representava antes mais uma memorização abstrata que um estímulo modificador-comportamental para a participação ativa na vida brasileira.

— No âmbito metódico-didático, deve-se reconhecer com a maior distinção a colaboração dos analfabetos no aperfeiçoamento do “Método” (palavras “mortas” e de “pensamento”, competições em torno da mais longa palavra etc.). Os auxílios didáticos descobertos pelos participantes foram prontamente aproveitados pelos coordenadores e integrados no processo de alfabetização (por exemplo, projeção de palavras formuladas, manuscritas em papel vegetal). Nesse sentido o “Método Paulo Freire” se aperfeiçoou nessa campanha, tornando-se também mais um instrumento dos analfabetos, com o qual eles procuravam aprender a ler e escrever.

Se os analfabetos de Angicos realmente tinham chegado a decifrar o “seu mundo”, essa questão permanece em aberto.

Estudos mais minuciosos, especialmente sobre as atividades socio-culturais dos participantes depois da campanha, são necessários para chegar a uma avaliação ainda mais detalhada do processo de aprendizagem mútua em Angicos, no ano de 1963.

BIBLIOGRAFIA

- ALFABETIZAR ou Politizar. *O Estado de São Paulo*, 8 de dezembro de 1963.
- ALVES, Aluísio. *Angicos*. Rio de Janeiro, 1940.
- ALVES, H. Brazil: Martial Mythologies. *Latin America Review of Books* C. Harding, London, 1973. p. 89-101.
- ANGICOS, Diário de uma experiência, de Carlos Lyra. SECERN, março 1963, Natal-RN, (mimeo.).
- ARRAES, Miguel. *Brazil. The People and the Power Middlesex-England*, 1969.
- ATIVIDADES DO SEC-UFPE. Dois Cursos de Extensão. *Boletim de SEC-UFPE*, nº 2, Recife, maio-junho, 1962.
- BANDEIRA, Muniz. *Governo J. Goulart. As Lutas Sociais no Brasil 1961-1964*. Rio de Janeiro, 1977.

- BEISIEGEL, Celso de Rui. *Estado e Educação Popular*. São Paulo, 1974.
- Política e Educação Popular no Brasil*, Vol. I e II. São Paulo, 1971. (Tese)
- BRITO, Jomard Muniz de. Educação de Adultos e Unificação da Cultura. *Estudos Universitários* nº 4. Recife, abril-junho, 1963.
- BROWN, Cynthia. Literacy in 30 Hours, Paulo Freire. *Northeast Brazil*. London, 1975.
- CARDOSO DA COSTA Aurenice. Conscientização e Alfabetização. Uma Visão Prática do Sistema Paulo Freire. *Estudos Universitários* nº 4. Recife, abril-junho, 1963. p. 71-80.
- CASTRO, J. de. *Uma Zona Explosiva em America Latina. El Nordeste Brasileiro*. Buenos Aires, 1965.
- CAVALCANTI, Albuquerque; Roberto. Extensão Cultural e Universidade. *UFPE, Boletim Informativo*. Recife, maio, 1962, nº 8. p. 47-50.
- COSTA LIMA, Luiz. O Problema da Literatura e Serviço. *Estudos Universitários* nº 3, Recife, janeiro-março, 1963. p. 138-140.
- COSTA PORTO, Walter e BANDEIRA DE MELLO, Francisco. A revolução do alfabeto tem só quarenta horas. *Jornal do Comércio* Vol. 23. Recife, junho, 1963. p. 14.
- CORREIA DE ANDRADE, Manuel. *A Terra e o Homem no Nordeste*. São Paulo, 1973.
- CUNHA, Rogério Almeida. *Pädagogik als Theologie, Paulo Freire Pädagogisches Konzept als Ansatz für eine systematische Glaubensreflexion lateinamerikanischer Christen*. Diss. Theol. Universität Münster, 1975.
- ELIAS, John Lawrence. *A Comparison and critical Evolucion of the social and educational Thought of Paulo Freire and Ivan Illich*. Doctoral Diss., Temple University-USA, 1974.
- ESCLARECIMENTO do Setor de Alfabetização de Adultos do SECERN sobre o Curso de Alfabetização com o emprego do Método P. Freire, s. d., s. 1. (mimeo.)
- ESQUEMAS de Politização e Conscientização, a partir das palavras geradoras e fichas motivadoras, para utilização na experiência das Quintas-Natal-RN, s. d., s. 1. (mimeo.)
- ESQUEMAS para um relatório das atividades do SAA, no trimestre setembro, outubro, novembro – Natal, s. d. (mimeo.)
- EXPERIÊNCIA de Angicos, Esclarecimentos da Direção Executiva do SECERN, s. d., s. 1. (mimeo.)
- FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. (1963). Fio de Janeiro, 1976.
- FLORIDI Aléssio Ulisse. *O Radicalismo Católico Brasileiro*. São Paulo, 1973.
- Freire, Paulo. *Ação Cultural para a Libertação e outros escritos*. Lisboa.
- Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1967.
- Pedagogia del Oprimido*. Montevideo, Tierra Nueva, 1970.
- Extensão ou Comunicação?* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1971.
- Conscientización*. Buenos Aires, Edición: Búsqueda, 1974.

Educación y Cambio. Buenos Aires, Ediciones Búsqueda, 1976.
Não Existe Educação Neutra. Entrevista com Paulo Freire. *MOVIMENTO* n.º 96.
São Paulo, 2 de maio de 1977.

Algumas Notas sobre Humanização e suas Implicações Pedagógicas (1970). *Ação Cultural para a Libertação e outros escritos*. Lisboa, 1977. p. 135-46.
Conscientização e Alfabetização. Uma Nova Visão do processo. *Estudos Universitários*, n.º 4, Recife, abril-junho de 1963. p. 5-24.

Educação, O Sonho Possível. BRANDÃO, C. R. *O Educador: Vida e Morte*. Rio de Janeiro, Graal, 1982. p. 89-102.

Cultural Action for Freedom. Cambridge-Massachusetts, 1970.

Educação e Atualidade Brasileira. Recife, 1959. (Tese)

Erziehung als Praxis der Freiheit (1965). Stuttgart, 1974.

Ação Cultural para a Libertação e outros escritos. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.

Escola Primária para o Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* Vol. 35, n.º 82. Rio de Janeiro, junho, 1961. p. 15-33.

Extensão Cultural. *Boletim do SEC-UFPE*, n.º 2. Recife, maio-junho de 1962.

Pädagogik der Solidarität. (1968). Wuppertal, 1974.

Pädagogik der Unterdrückten, (1970). Stuttgart, 1974.

Palestra de encerramento, maio, 1963. *Trânsito, II Curso de Treinamento de Monitores* (pela equipe do SEC-UFPE), SECERN, p. 1-8, (mimeo.)

Paulo Freire por si mesmo em: Paulo Freire und A. S. Bandy. *Que es la conscientización y como funciona?* Lima, 1975.

Politische Alphabetisierung em: *Lutherische Mahatshefte*. Hannover, 11/1970.

A Propósito de uma Administração. Recife, 1961.

Que es conscientización e como funciona? Lima, 1975.

FREITAG, Barbara. *Die Brasilianische Bildungspolitik*. München, 1975.

FÜCHTNER, H. *Die Brasilianischen Arbeitergewerkschaften, ihre Organisation und ihre politische Funktion*. Frankfurt, 1972.

FURTER, Pierre. Alfabetização e Cultura Popular na Alfabetização do Nordeste Brasileiro. *Revista de Cultura da Universidade do Recife*, n.º 4. Recife, 1963.

GAZETA, A. *Jornal de São Paulo*, edição 27 de janeiro-1964.

GERMANO, José V. *De Pé no Chão também se Aprender a Ler: Política e Educação no Rio Grande do Norte, 1960-1964* Campinas, 1981 (Tese de Mestrado em Sociologia IFCH-UNICAMP). (Publicado pela Cortez e Autores Associados com o título: *Lendo e Aprendendo. A Campanha de Pé no Chão.*)

GÓES, Moacyr de. *De Pé no Chão Também se Aprende a Ler. 1961-1964. Uma Escola Democrática*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

GLOBO, O. *Jornal do Rio de Janeiro*, edição 7 de janeiro, 1964.

LIMA, João Alfredo G. C. *A Universidade e a Extensão da Cultura ao Povo. Presença na Universidade*. Recife, 1964.

GRAY, William S. *The Teaching of reading and Writing*. Paris, 1956.

GUERRA, Marcos. *Visão Retrospectiva das Atividades do Setor de Alfabetização de Adultos*. Natal-RN, 8 de julho, 1963. (mimeo.)

HOROWITZ, J. L. *The Rise and Fall of Project Camelot*. Cambridge and London, 1967.

JORNAL DO COMÉRCIO. Nem todos os caminhos levam ao ba-bá de Freire. Edição de 23 de junho de 1963. p. 19.

JULIÃO, Francisco. *Que São as Ligas Camponesas*. Rio de Janeiro, 1962.

KADT, Emanuel de. *Catholic Radicals in Brazil*. London and New York, 1970.

LANE, J. P. Isolation and Public Opinion in Rural Northeast Brazil. *The Public Opinion Quarterly*. Vol. XXIII, Spring, 1969 n.º 1. p. 55-68.

LAUBACH, Frank C. *Toward World Literacy: The Each One Teach One Method*. Syracuse-New York, 1960.

LIMA, Lauro de Oliveira. *Technologie, Educação e Democracia*. Rio de Janeiro, 1965.

LYRA, Carlos. *Angicos. Diário de uma Experiência*. Natal-RN, março, 1963. (mimeo.)

LOBO, Luis. *A Hora e a Vez de Angicos*. Rio de Janeiro, 1965. (Angicos III, reportagem publicada na *Tribuna da Imprensa*, do Rio) (mimeo.)

A Revolução que a Revolução Matou. *Folha de São Paulo* 18 de fevereiro, 1968, p. 24 (Suplemento Especial de Educação).

MANFREDI, Silva Maria. *Uma Interpretação Sociológica do Programa Nacional de Alfabetização. Instituído pelo Decreto n.º 53.465 de 21-1-1964 USP. São Paulo*. (Tese de Mestrado).

MENESES, Paulo Gaspar de. Uma sugestão para a segunda etapa do Sistema Paulo Freire. *Estudos Universitários* n.º 3. Recife, julho-setembro, 1963. p. 3-8.

MONTENEGRO, J. B. *Evolução do Catolicismo no Brasil*. Petrópolis, 1972.

MONTEIRO COSTA, Maria Adozinda. *Alfabetização de Adultos. Considerações Gerais* s.l., s.d. (mimeo.)

PAIVA, Vanilda. *Educação Popular e Educação de Adultos*. São Paulo, Loyola, 1973.

Nationalismus und Bewusstseinsbildung in Brasilien, insbesondere bei Paulo Freire. (Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia da Universidade de Frankfurt-M, R. F. alemã, 1978).

Paulo Freire e o Nacionalismo-Desenvolvimentista. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

PIRES FERREIRA, J. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Vol. XVII. Rio de Janeiro, 1960.

PLANO DE ATIVIDADES DO SEC PARA 1963. *Boletim do SEC/UFPE* n.º 3-4. Recife, setembro-dezembro, 1972.

POERNER, A. J. *Poder Jovem: História da Participação Política dos Estudantes Brasileiros*. Rio de Janeiro, 1980.

PRAXEDIS, Zé. Poema: *O Analfabeto*. Governo do Rio Grande do Norte, Secretaria de Educação, Campanha de Alfabetização de Adultos, s. l., s. d. p. 1-4, (mimeo.)

SAA-SECERN. *Esclarecimentos do SAA/SECERN sobre o Curso de Alfabetização com o emprego do Método Paulo Freire*, s. d., s. l. (mimeo.)

Esquema para um relatório das atividades do SAA. Natal, setembro-novembro, s. d., (mimeo.)

SEC-UFPE. *Universo Vocabular Nordestino: Zona Rural e Urbana*. s. d. s. l. (mimeo.)